

Reflexões sobre as diásporas queer a partir do documentário “Les travestis pleurent aussi”, de Sebastiano d’Ayala Valva

Reflections on the queer diasporas based on the documentary “Les travestis pleurent aussi”, de Sebastiano d’Ayala Valva

Hadriel Geovani da Silva Theodoro¹
hgtheodoro@gmail.com

RESUMO

Mia e Romina são travestis, prostitutas e imigrantes não regularizadas residindo em Paris. Suas vidas à margem da sociedade são o foco do panorama documental de Sebastiano d’Ayala Valva em “Les travestis pleurent aussi” (As travestis também choram). A partir dessa produção midiática, o objetivo é problematizar o que se pode denominar de “diásporas queer”. Com aportes teóricos do campo da comunicação, dos Estudos Culturais e da Teoria Queer, procura-se refletir acerca da cultura, representações, níveis de precariedade e agenciamentos englobados nas experiências transnacionais de Mia e Romina. Articulando como procedimento metodológico uma teorização sobre os pontos supracitados à análise audiovisual do referido documentário, o enfoque analítico está voltado às sociabilidades dessas imigrantes e suas imbricações com os processos de comunicação no contexto das migrações transnacionais.

Palavras-chave: Diásporas queer. Imigração LGBT. Mídia. Documentário.

ABSTRACT

Mia and Romina are transvestites, prostitutes and unregulated immigrants living in Paris. Their lives at the margins of society are the focus of the documentary panorama of Sebastiano d’Ayala Valva in “Les travestis pleurent aussi”. From this media production, the objective is to problematize what can be called the “queer diasporas”. With theoretical contributions from the field of communication, Cultural Studies and Queer Theory, we seek to reflect on the culture, representations, levels of precariousness and agency included in the transnational experiences of Mia and Romina. Articulating as a methodological procedure a theorizing about the above mentioned points with the audiovisual analysis of this documentary, the analytical approach is focused on the sociabilities of these immigrants and their relations with the communication processes in the context of transnational migrations.

Keywords: Queer diasporas. LGBT immigration. Media. Documentary.

¹ Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). Rua Dr. Álvaro Alvim, 123, Vila Mariana, São Paulo (SP)

Así como estoy, no soy ni hombre ni soy mujer. Soy una persona. Nada más.

(Mia)

Todos lloramos. Los pobres y los ricos, los hombres y mujeres... Las travestis también lloramos. Pero las travestis lloramos más todavía.

(Romina)

Introdução

Ao aproximar-me de minha atual temática de pesquisa, a imigração LGBTIQ², deparei-me com um cenário um tanto lacunar no que se refere à sua presença nos estudos migratórios. Tive dificuldade (e continuo tendo) para encontrar produções científicas voltadas especificamente à compreensão das realidades socioculturais desses sujeitos. Na mídia, deparei-me apenas com algumas matérias jornalísticas em sites de notícia ou de redes sociais que chegam a abordar a questão, mas quase nunca de modo aprofundado.³ Ante esse panorama, o documentário “Les travestis pleurent aussi” (As travestis também choram, 2006), de Sebastiano d’Ayala Valva, veio-me à mente como um excelente ponto de partida.⁴ Eu o havia assistido pela primeira vez em 2014, quando desenvolvia uma pesquisa sobre a visibilidade midiática de pessoas transgêneras (Cf. Theodoro, 2016). Naquela época, minha atenção enquanto pesquisador estava voltada a problemas outros; hoje, no entanto, acredito que o referido documentário nos possibilita refletir acerca de diferentes níveis de vulnerabilidade e de precariedade a que migrantes LGBTIQ⁺ estão suscetíveis, evidenciando a existência de sujeitos que costumam estar sob camadas e camadas de invisibilidades e silenciamentos.

Para tanto, faz-se necessário estabelecer um panorama dos contextos macrosociais que englobam os múltiplos deslocamentos humanos na contemporaneidade e como

os sujeitos LGBTIQ⁺ neles se inserem. Tal panorama está pautado nos seguintes tópicos: globalização, mídia, cultura, fluxos migratórios e o papel do/a pesquisador/a. Levá-los em consideração é de extrema importância para compreender que, por detrás de indicadores e estatísticas sobre os fluxos migratórios, como os apresentados pela Organização Internacional para as Migrações (OIM) em 2015, que reportou 250 milhões de imigrantes e 750 milhões de migrantes em todo o mundo (com a estimativa de que, dentre este montante, haja mais de 60 milhões de refugiados/as)⁵, existem vidas, no sentido mais abrangente que este termo possa conter. Nelas, engendram-se formas de subjetividade que as métricas não são capazes de traduzir, mas para as quais temos de atentar se a intenção é a de apreender em seu cerne as complexidades sociais, culturais, econômicas e políticas aí envolvidas.

No que se refere ao primeiro ponto supracitado, a globalização se constitui como um processo multidimensional cuja historicidade remonta ao tempo das grandes navegações e à consolidação de um mercado global (Hall, 2013). Caracteriza-se, assim, pelo fortalecimento de vínculos transnacionais pautados sobretudo na primazia do capital. Estreitamente enleada ao sistema capitalista, a partir do começo do século XX, com avanços nas tecnologias da comunicação e da informação (TICs), com o desenvolvimento de transportes mais rápidos e em larga escala e com a fluidificação do mercado financeiro, a globalização se intensifica e se consolida. Uma de suas consequências principais é o fomento de um fluxo contínuo de bens, capitais, informações e pessoas. Os impactos que gera, todavia, vão um pouco além disso.

Como defende García Canclini (2007, p. 10, tradução minha), “a amplitude ou estreiteza dos imaginários sobre o global evidencia a desigualdade de acesso àquilo que se conhece como economia e cultura globais. Nessa concorrência desigual entre imaginários, vê-se que a globalização é e não é aquilo que promete”. Ultrapassando horizontes de um mundo homogeneizado, que pretensamente

² Intitulada “Fluxos migratórios, comunicação, consumo e cidadania: (in)visibilidades midiáticas nas vivências de imigrantes LGBTIQ na cidade de São Paulo”, a pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP, orientada pela Prof.^a Dr.^a Denise Cogo e financiada pela FAPESP. No que concerne à sigla LGBTIQ⁺, ela designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, intersexo, queer e outras minorias sexuais e/ou de gênero (podendo apresentar variações).

³ Como exemplo, pode-se citar as reportagens “Imigrante gay é sequestrado e estupro por 2 dias na França” e “Sonho de viver na Holanda vira pesadelo para refugiados gays”. Disponível respectivamente em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/03/imigrante-gay-e-sequestrado-e-estupro-por-2-dias-na-franca.html>>; <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/01/sonho-de-viver-na-holanda-vira-pesadelo-para-refugiados-gays.html>>. Acesso em: jul. 2017.

⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YNjLMADnuIo&t=2805s>>. Acesso em: mai. 2018.

⁵ Disponível em: <<http://www.iom.int/world-migration-report-2015>>.

reordena diferenças e suprime desigualdades, a globalização se inscreve como um processo altamente intrincado e carregado de hierarquias. É por isso que, nas relações de poder, conflitos se tornam inerentes, resultando em efeitos não somente econômicos, mas também políticos, sociais, culturais e ecossistêmicos (Martine, 2005).

Por outro lado, mesmo em suas segregações, a globalização desencadeia uma permeabilidade de fronteiras, redimensionando-as de modo não determinado somente pelo ideal dos Estados-nação (enquanto comunidades imaginadas, cabe salientar) (García Canclini, 2007). No entanto, essas fraturas não podem ser concebidas ingenuamente, porque:

O “Mundo Sem Fronteiras” é parte da definição da globalização, mas não se aplica ao movimento de pessoas. O capital humano é um fator de produção que, formalmente, não tem livre trânsito entre fronteiras nos dias de hoje (...). As fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos migrantes: essa é a grande inconsistência que define o atual momento histórico no que se refere às migrações internacionais (Martine, 2005, p. 8).

Apesar de ter sido expressa há mais de dez anos, essa concepção de George Martine permanece incontavelmente atual e nos auxilia a problematizar as implicações socioculturais da globalização. Neste sentido, há de se considerar as desterritorializações – e consequentes reterritorializações – delineadas em um mundo que se faz cada vez mais global (García Canclini, 2007). Emerge a simultaneidade das vivências do território, abrangendo processos simbólicos que estruturam a cultura em nível local, regional, nacional e/ou transnacional. Para compreendermos melhor esse assunto e, posteriormente, suas arraigadas relações com a comunicação social, precisamos voltar ao próprio conceito de cultura.

Sob o prisma dos Estudos Culturais, as formulações de Johnson (1999) são bastante pertinentes para se trabalhar com tal conceito. Em uma primeira perspectiva, o autor assevera que os processos culturais se cingem às relações sociais, “especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade” (Johnson, 1999, p. 13). Sendo assim, a cultura encerra estruturas de poder (segunda perspectiva), o que colabora à produção de dissimetrias na capacidade dos sujeitos e grupos sociais definirem suas necessidades e ações. Por fim, depreende-se

que a cultura não diz respeito a um campo autônomo, nem sequer definido externamente, mas, sim, um locus onde se desenvolvem as diferenças e as lutas sociais em torno delas (terceira perspectiva) (Johnson, 1999). Patentia-se a polissemia que a cultura congrega, no encontro do simbólico com o material, em seus sistemas de significação.

No âmbito dos movimentos globalizadores, a cultura não se restringe a conflitos de ordem local vs. global. De fato, ela se torna cada vez mais permeada por interações que têm em seu âmago constituinte a diferença – no que concerne à relação entre o *eu* e o *Outro*, como barreira identitária de diferença (Hall, 2013). Isso produz uma pluralidade de subjetividades que nos aproximam e nos distanciam nos encontros cotidianos na esfera pública, (re)organizando a política, a economia e a própria cultura (García Canclini, 2013).

Para García Canclini (2007), é neste ponto onde se localizam múltiplas tensões interculturais. O autor ainda sustenta que, com a emergência de uma urbanização espraiada, acentua-se a heterogeneidade cultural, facultando uma *hibridização* da cultura (García Canclini, 2013). Em suas multitemporalidades e multiespacialidades, o encontro de estruturas socioculturais distintas pode gerar novas estruturas, tendo em vista que a cultura não mais se vincula exclusivamente a grupos sociais fixos ou estáveis. A quebra de barreiras espaço-temporais que a globalização promove faz com que haja uma aglutinação de diversidades culturais, cujo exemplo mais notório pode ser observado no enredamento da trama urbana de grandes cidades. A heterogeneidade das ofertas simbólicas que estimulam nutre uma reticularização de interações, do local ao transnacional, fundamentada sobretudo na mídiatização da comunicação (García Canclini, 2013).

Tanto os centros urbanos quanto os fluxos migratórios são exemplos concretos das dinâmicas abarcadas na hibridização da cultura, mas também expressam as relações de poder em torno de suas apropriações e resistências. Se “em toda fronteira há arames rígidos e arames caídos” (García Canclini, 2013, p. 19), a obliquidade de seus circuitos simbólicos nos faz repensar justamente os encadeamentos entre cultura e poder. Assim, se por um lado as culturas deixam de estar presas a um território específico, por outro elas adquirem de forma progressiva um viés comunicacional, onde reside sua crescente potencialidade política (Idem). Na contemporaneidade, é principalmente por meio das TICs que são configuradas redes de comunicação, possibilitando a apreensão dos sentidos sociais. A onnipresença de suas midialidades nas interações da vida cotidiana se inscrevem no emaranhado

da heterogeneidade das hibridizações.

A relevância das mídias em nossas interações, representações de mundo e construções identitárias é, portanto, inegável. De acordo com Silverstone (2005), elas entremeiam a tessitura da vida cotidiana, (re)compondo em permanência suas dimensões. Sem desconsiderar a associação intrínseca entre o tecnológico e o social, devemos perceber o quanto somos dependentes da oferta pública de significados sobre os acontecimentos em nosso tempo: tais significados se ensejam notadamente nas e pelas mídias (Silverstone, 2010).

Saliento aqui a natureza infotemporal e tecno-organizacional das mídias na ordem global, constantemente orbitando as TICs, as sociabilidades que elas viabilizam e das quais seu desenvolvimento depende (Elhajji, 2006). Na complexa confluência desse encontro – entre tecnologia, cultura e sociedade – germinam novas esferas de produção de subjetividades, discursividades e, conseqüentemente, singularidades (Elhajji, 2006).

Como se pode constatar na maior parte do planeta, globalismo versus localismos, particularismos ou transnacionalismos são as duas faces de um mesmo fenômeno; onde o processo vem provocando reações abruptas e muitas vezes violentas por parte das culturas e das identidades singulares ou minoritárias. Reações que vão dos mais cruéis e sangrentos enfrentamentos até as mais diversas revoluções moleculares e estratégias micropolíticas de reterritorialização, reformulação e reapropriação de territórios existenciais e espaços públicos ou comunitários (Elhajji, 2006, p. 11).

Assim, enquanto sintoma da contemporaneidade, os fluxos migratórios precisam ser compreendidos no interior dessa conjuntura macrossocial, que irá impactá-los indireta ou diretamente. Isso porque se em um dos lados de sua face a globalização revela uma maior integração em nível mundial, a que permanece nas sombras oculta uma *geografia de exclusões*, pois nem todo/a migrante tem resguardada sua cidadania e seus direitos mais básicos.

Esse quadro se agrava ainda mais no tocante às *diásporas queer*. A concepção da diáspora se apoia em uma noção binária de diferença: funda-se sobre uma fronteira

de exclusão e, ao mesmo tempo, depende da construção de um *Outro*, que demarca rígidas posições entre o dentro e o fora (Hall, 2013). Em uma vertente culturalista, a diáspora está integrada à construção de uma diferenciação ontológica (Hall, 2013), e, no caso dos deslocamentos humanos, ela remete à dispersão espacial de determinado grupo, que pode se vincular enquanto comunidade (Cohen, 2008). A partir desse encadeamento, faculta-se até mesmo uma dimensão política da existência – podemos tomar como exemplos clássicos a diáspora judaica ou africana. Não obstante as dinâmicas de dispersão geográficas, a origem comum, os elos de identificação e a memória coletiva se inter-relacionam, engendrando novas acepções da prática de cidadania, por meio de um sentido de pertença (Cohen, 2008).

Na diáspora queer, entendida enquanto um processo histórico, esse sentido se incorpora ao conceito de abjeção (Wesling, 2008). Ele se refere às vidas que são destituídas de sua humanidade e cuja materialidade passa a ruir (Butler, 2011). Tal condição *menos-que-humana* penetra nas experiências de vida de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, intersexos, queer e outras minorias sexuais e/ou de gênero. Assim, estimuladas por preconceitos, discriminações, perseguições, enfim, violências simbólicas e/ou físicas, as diásporas queer demonstram o poderio devastador da justaposição de instâncias de discriminação, ou o que podemos considerar suas interseccionalidades.⁶

Tendo isso mente, o objetivo do presente artigo é, a partir de “Les travestis pleurent aussi”, estabelecer ponderações acerca de algumas das especificidades englobadas nas diásporas queer. Dado que as histórias individuais de migrantes, em suas subjetividades e vivências únicas, têm de ser levadas em consideração, Mia e Romina, figuras centrais do documentário, convertem-se aqui no cerne da analítica. Travestis, prostitutas e imigrantes não regularizadas habitando na Europa, a realidade social que experienciam em sua cotidianidade, representada por meio de um produto midiático específico (o documentário em questão), é o substrato para a problemática proposta.

Em relação aos procedimentos metodológicos, parto de uma descrição das trajetórias de vida de Mia e Romina apresentadas no documentário de Sebastiano d’Ayala Valva, também me valendo de algumas de suas falas.⁷ Em seguida, estabeleço três categorias de análise que

⁶ *Interseccionalidade* corresponde a formas de apreender os efeitos da interação entre duas ou mais modalidades de precariedade: xenofobia, racismo, sexismo, misoginia, homofobia, lesbofobia, transfobia, etc. (Cf. Hirata, 2014).

⁷ Realizei uma transcrição e tradução livre das falas de Mia e Romina, haja vista que o documentário está em seu formato original, em espanhol.

servirão como guias às reflexões propostas: a) Motivação migratória; b) Laços econômico-afetivos; c) Precariedades.

Les travestis

Mia, também conhecida como “La Mujeron” (Mulherão), tem sua trajetória de vida profundamente marcada por estigmas de uma existência queer, o que se constata ao logo de todo o documentário. Analfabeta, sai de casa aos dezesseis anos e, sofrendo muitas discriminações por conta de sua sexualidade, decide emigrar para a França. Logo se vê impelida a uma rotina de prostituição como a única via para sobreviver.

É em Paris, então, que Mia começa a se travestir. Em suas palavras, o faz porque tem necessidade; uma necessidade que vai além da própria subsistência e cruza o oceano Atlântico para reencontrar a família na terra natal, o Equador. Com os ganhos que obtém na venda de seu corpo e de seus prazeres, Mia sustenta sua mãe. De fato, as remessas de dinheiro que envia mantêm muitos de seus familiares, e essa se torna em uma missão para ela: ver a família em melhores condições. “É por minha família que eu estou aqui, lutando”, afirma.

Contudo, os programas que faz não rendem muito. Entre 5 e 20 euros é o que costuma receber por cada um deles, um valor ínfimo que decai cada vez mais por conta da “concorrência”. Como podemos perceber, a história de Mia se reflete na história de milhares de outras travestis, que também contam com a prostituição como principal atividade laboral – quase sempre uma regra em suas experiências queer-migratórias.

Para além das ruas, a exploração de sua existência se perpetua. Em uma das passagens do documentário, Mia relata que os proprietários dos hotéis em toda Place de Clichy, região parisiense que concentra um elevado número de imigrantes e pessoas LGBTIQ+, impõe preços exorbitantes para os alugueis. Os valores, que normalmente partem dos 50 euros, são cobrados diariamente. Por mês, ao menos 1500 euros apenas para ter um lugar onde morar. Por não estar em situação regularizada na França, Mia se vê refém de mais esse tipo de abuso. “Porque não temos papéis, eles fazem o que querem. (...) Aqui você tem que matar, roubar, fazer o que for para ter o dinheiro para pagar o hotel”, denuncia.

As relações de poder aí colocadas, nesses liames

entre o eu e o Outro, parecem nunca findar. Ao contrário, é como se se refratassem em seu corpo abjeto, transparecendo na camada mais exterior de sua pele preta, cujos olhares que atrai para si normalmente se transmutam em repulsa pela diferença. Na conjugação de músculos exuberantes (por ter sido dançarina e boxeadora) e uma inegável feminilidade, Mia desvela em suas corporalidades uma micropolítica de diferenças no que concerne às normas binárias que (re)produzem representações hegemônicas sobre os gêneros, sobre o que é ser mulher ou homem, sobre o feminino e o masculino.

É válido destacar que nem mesmo em um contexto mais receptivo à diversidade a quebra dessas hierarquias irá efetivamente ocorrer. Ao acompanhar Mia à *Marche des Fiertés de Paris* (também conhecida como *Gay Pride de Paris*), nota-se a atmosfera de estranhamento e de rechaço que a acompanha nesse ambiente público. Em determinado momento, um círculo de pessoas chega a se formar ao seu redor, transformando-a em uma espécie de atração circense. Algumas tiram fotos, outras pedem para tocar em seu corpo e até mesmo em seus seios.

Séculos depois de sua morte, Saartjie Baartmann, preconceitualmente popularizada como a “Vênus Hotentote”, parece ser de certo modo recomposta nessa imagem de “La Mujeron”. Saartjie (1789-1815), era uma mulher negra pertencente ao povo *khoisan*. Com a promessa de que seria rica, foi levada da África do Sul à Europa por um de seus patrões holandeses para ser exibida como “aberração” em espetáculos itinerantes, em países como Inglaterra e França. Ela era vista como uma “atração” por conta de suas dimensões corporais, principalmente por ter nádegas consideradas grandes demais aos padrões europeus. Em suas apresentações, mediante um pagamento adicional, os exibidores permitiam aos espectadores que tocassem partes de seu corpo, inclusive os genitais.⁸ As precariedades e explorações vividas por Saartjie também viraram tema de uma produção cinematográfica, no filme “Vênus Noire” (Vênus Negra, 2010), de Abdellatif Kechiche.⁹ Neste sentido, Saartjie me levou a questionar se Mia não havia se convertido ali em uma nova Vênus.

*

A outra figura principal de “Les travestis pleurent aussi” é Romina, também de origem equatoriana. Ao longo do documentário, podemos supor ser esta a única característica que a aproxima de Mia, porque aparentemente

⁸ Cf. Saartjie Baartman. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Saartjie_Baartman>. Acesso em: mai. 2018.

⁹ Disponível em: <http://www.allocine.fr/film/fichefilm_gen_cfilm=137366.html>. Acesso em: mai. 2017.

possuem vidas opostas. Romina é uma mulher bastante sonhadora, cujo cotidiano se passa quase exclusivamente no interior de um pequeno apartamento, no entorno da Place de Clichy. Entre os afazeres domésticos no espaço privado de seu lar, é quase um reflexo de uma típica dona casa. Mas isso não passa de ilusão.

Ao mergulharmos na história Romina, vamos percebendo que as precariedades que tanto afligem as travestis, e ainda mais as travestis imigrantes, não deixam de se fazer presentes em suas experiências de vida. Em uma das primeiras cenas em que aparece, Romina está internada em um hospital. Após ter aplicado silicone industrial nas pernas, teve uma grave infecção e precisou passar por um procedimento cirúrgico para que ele fosse retirado. Mia a está visitando neste momento, e o encontro de ambas revela destinos que fluem em paralelo, mas que chegam muitas vezes a se tocar.

Os sacrifícios para reconstruir um corpo com base em certo ideal feminino se articulam não apenas a uma questão estética, mas igualmente ao trabalho na prostituição e à utilidade que adquire na economia sexual dos desejos, vigente no mercado dos prazeres no qual se insere. Romina é prostituta há mais de dez anos, e foi na prostituição que encontrou seu atual marido, que ao que tudo indica é quem provê a estrutura material de seu dia a dia.

Esse relativo conforto que possui (se estabelecemos um comparativo com Mia, por exemplo) é, todavia, uma falácia. Romina, além de ser dependente de outra pessoa, vê seu único meio de garantir o sustento sendo-lhe privado: o marido é terminantemente contra sua prostituição, que, segundo ela, apesar da polícia, do frio e dos perigos costumeiros, é muitas vezes prazerosa. Isso a impede de conseguir seus objetivos: um carro, um negócio próprio, uma casa, ajudar a família, voltar ao Equador. Em uma passagem Romina relata ter sua liberdade cerceada: o marido não permite que ela visite alguns de seus familiares na Espanha, que vá ao cinema sem ele e que tampouco saia para se divertir ou estar com suas amigas. “Eu tenho uma vida de escrava”, desabafa.

Algumas semanas mais tarde ao episódio em que deixa seu apartamento para se prostituir, a contragosto do marido, Sebastiano se reencontra com Romina. Em frente à câmera, expõe a nudez de seus seios, operados há cerca de um mês. Diz sentir-se feliz.

Das diásporas queer

A partir do exame descritivo realizado, proponho três linhas de análise acerca de questões que considero

medulares nas vivências de Mia e Romina, e, mais amplamente, às diásporas queer.

a) Motivação migratória

Seria um erro grave presumir que Mia, Romina ou tantas outras travestis migrem à Europa apenas para se prostituir, ou seja, meramente por uma questão financeira. As causas que desencadeiam a migração de cada sujeito podem ser tantas quanto seu número absoluto. No entanto, um fator decisivo surge como traço comum quando versamos acerca das diásporas queer: a *possibilidade de existir*. Para melhor compreender o que ela significa, temos de nos voltar a uma conceituação sobre as categorias de gênero e sexualidade, pois ambas abarcam uma historicidade na qual sociedade e cultura possuem papel crucial.

No que concerne precisamente à categoria de gênero, ela se correlaciona de forma direta com a “representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente (...)” (De Lauretis, 1994, p. 211), de onde se sobrelevam as concepções de feminino e masculino como “duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente” (De Lauretis, 1994, p. 211). Contudo, tendo em vista que o gênero está envolto em práticas discursivas, o que o relaciona profundamente à linguagem e à comunicação humana, não devemos apreendê-lo como uma simples inserção passiva em determinado corpo.

Segundo Paul Preciado (2008), temos uma imposição de ideais biopolíticos de feminilidade e de masculinidade que se instituem como essências transcendentais, suscitando estéticas de gênero, códigos normativos de reconhecimento e convicções psicológicas que colocam ao sujeito a necessidade de se afirmar enquanto mulher ou homem, feminino ou masculino, homossexual ou heterossexual. “Trata-se de um terreno que parece fixo, mas cujo significado é contextualizado e está em fluxo” (Scott, 1995, p. 93).

Esses binarismos são reiterados pela hegemonia da heterossexualidade, institucionalizada enquanto orientação sexual tida como “normal” ou “padrão”. Adrienne Rich (2010) a nomeia de *heterossexualidade compulsória*, essencial à manutenção de uma pretensa homogeneidade de corpos, identidades e desejos, como se existisse a priori uma plena congruência entre eles. O grande problema desse sistema normativo é que os sujeitos que não se adequam a ele sofrem, indireta e/ou diretamente, com a patologização de suas subjetividades e identidades, com constantes violências (simbólicas e/ou físicas) e com práticas coercitivas de “correção” (Butler, 2011).

Levando isso em consideração, tanto o gênero quanto a sexualidade são construtos socioculturais que, com base em sua discursividade, inscrevem-se na materialidade de nossa existência. Entretanto, estão fortemente condicionados às normatizações de uma ordem hegemônica do sexo/gênero/desejo (Butler, 2008). Fora de suas divisórias de “normalidade”, o que se evidencia é a perda de uma estrutura de sentido que conduz à precariedade. Ambíguo, impreciso, perturbador: o sujeito “desviante”, advindo uma ameaça a tal ordem, denota o sucumbir de uma legibilidade sociocultural e é destituído de propriedades simbólicas e/ou materiais. Sua voz é silenciada. Seu corpo é apagado. Sua existência fica fragilizada (Theodoro, 2016).

Salienta-se, por conseguinte, como as transgressões são apreendidas. Romper com a ordem hegemônica do sexo/gênero/desejo designa, como ponderado, um afrontamento a seu âmago e desafia uma homogeneidade social por ela ambicionada. As punições às “violações” estão inscritas na própria ordem, em suas normas. Talvez seja impossível aferir a totalidade dos efeitos que geram, mas podemos constatar que são muitos e afetam as subjetividades, a linguagem, os desejos, os afetos, as relações interpessoais, as visibilidades e representatividades, os direitos, a cidadania e até a própria vida (Theodoro, 2016). Conforme expõe Butler (2011), o cruzamento dessas fronteiras leva o sujeito a uma zona de precariedade, onde sua existência corre o risco de perder completamente qualquer valor de humanidade: quando sua inteligibilidade se desfaz, o que sobra é somente uma vulnerabilidade às violências, uma vida precária.

Assim sendo, devemos compreender que, em contextos altamente opressivos em relação às identidades de gênero e/ou sexualidades “desviantes”, a migração acaba sendo uma saída para a *factibilidade de uma existência* àqueles sujeitos que não conformam suas vivências a tais padrões normativos hegemônicos. Desde um viés identitário, o deslocamento para outra cidade, região ou país torna-se, pois, elementar à viabilidade de construção de subjetividades aos sujeitos LGBTQI+. Ou seja, ratifica-se que as relações de gênero e orientação sexual estão profundamente enleadas nos deslocamentos humanos.

No caso de Mia e Romina, pode-se constatar que a Europa representa muito além do próprio sustento ou da família. Para elas, estar em Paris, apesar de todos os percalços, permite-lhes *ser quem realmente são*. Mia, por exemplo, deixa o Equador muito mais pelas discriminações e perseguições que sofria por conta de sua sexualidade do que para se prostituir. Romina, por sua vez, relata:

“Eu gosto da Europa, sabe por quê? Porque eu tenho a impressão de estar vivendo nos tempos de Cristo. A época de Sodoma e Gomorra. Onde o amor entre dois homens, ou duas mulheres, ou um homem e um trans é livre, me entende? Talvez não seja aceito, mas não é criticado”.

Isso não quer dizer, todavia, que a possibilidade de existir seja garantida ao se deslocar a um contexto socio-cultural mais liberal e respeitoso para com as diferenças. Como salienta Andrade (2016, p. 5), “as pessoas que migram por causa de suas orientações sexuais e identidades de gênero normalmente continuam sofrendo violência e discriminação no país de destino, muitas vezes vinda de membros de sua própria comunidade migrante”. Ademais, a interseccionalidade com fatores como classe, raça e religião pode complexificar o quadro discriminatório.

b) Laços econômico-afetivos

Imigrantes, independentemente de onde residam ou de suas condições financeiras, mantêm algum vínculo com seu país de origem (Retis, 2012). Nas teias sociais, culturais e econômicas que articulam, eles/as acabam por transnacionalizar suas vivências, ou seja, “transformam suas relações familiares, sociais e afetivas em um viver transnacional” (Retis, 2012, p. 5, tradução minha).

Denise Cogo (2014) assevera que há neste âmbito o imbricamento de uma cadeia de afetos transnacionais, eminentemente mediada por dinâmicas de consumo e pelos usos e apropriações de TICs. Muitas vezes carregada de tensões, a “gestão afetiva” que demanda é de fundamental valia às aproximações (ou distanciamentos) de relações familiares em um contexto que as fragmenta para recompô-las em um plano multiterritorial e multitemporal. De acordo com a autora, “a família transnacional pode ser uma fonte de apoio e sustentação emocional e social, mas também pode e deve ser vista como um espaço de conflitos e relações de poder, em torno das quais se desprendem estratégias, negociações e ações de maneira desigual” (Cogo, 2014, p. 11).

Nas vivências de Mia, isso é evidente. Em relação à extorsão que sofria no hotel, ela diz que: “Eu não podia pagar. Eu tenho um marido para manter. Esse marido se chama *minha mãe*. Meu amante se chama *minha mãe*. Meu namorado se chama *minha mãe*”. Como relatado anteriormente, a mãe de Mia depende economicamente dela, das remessas de dinheiro que envia constantemente. Mas, indo ao encontro do explicitado por Cogo (2014), também existem atritos. “Eu mando dinheiro a eles quando eu tenho, quando eu posso e quando eu quero mandar.

Não é quando eles abrem a boca e vão receber. Eu mando quando vejo que é necessário”, afirma Mia ao discorrer sobre o assunto.

Nota-se, assim, que nem sempre as gestões afetivas são harmônicas. De qualquer modo, os vínculos de Mia com sua família são fortes, e ela chega a confessar que: “A minha ambição não é ter uma casa, um carro, dinheiro, nem uma conta na Suíça ou em outro lugar. O que ambiciono é ver minha família melhor”. Romina, por sua vez, apresenta as mesmas características, e uma de suas falas resume bem suas relações familiares: “A minha proxeneta é minha família. Porque se eu estou aqui na Europa e tenho tudo o que quis ter, quero que minha família também tenha”.

É válido mencionar aqui que uma irmã de Mia, chamada Issy, também se muda para a Europa, buscando, no seu caso, emprego e uma melhor condição de vida. Porém, bem como Mia, ela acaba na prostituição. Tendo deixado os filhos no Equador, Issy se sente na obrigação de enviar dinheiro aos familiares. Ela relata: “Sou eu quem tem que mandar dinheiro aos meus filhos. Eu não posso ficar no hotel o dia todo”. Daí podemos depreender o quanto as relações familiares transnacionais são intrincadas e, ao mesmo tempo, o papel da simbologia feminina como provedora. Tanto em Mia e Romina quanto em Issy, há uma estereotipia que se reproduz: a da entidade feminina enquanto núcleo do círculo doméstico-familiar; e mesmo quando deixam seu país de origem, continuam exercendo a função de “cuidar”.

Por fim, notabiliza-se que fluxos de capital, fluxos de pessoa e fluxos midiáticos estão intimamente associados. Como nos lembra Hall (2013, p. 49-50) “os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia”. Um claro exemplo que aparece no documentário é uma *Tele-Boutique*, estabelecimento comercial nas redondezas da Place de Clichy que oferece serviços de telefone, internet, fax, cartões telefônicos e acessórios GMS, dos quais Mia e Issy se valem para se comunicar com seus familiares, para manter seus laços econômico-afetivos.

c) Precariedades

As precariedades contidas nas diásporas queer são muitas e diversas. Por isso, devem ser compreendidas em uma perspectiva interseccional. Longe de considerar as opressões gradualmente, a interseccionalidade as abarca em suas particularidades e nos atravessamentos que

estabelecem entre si (Hirata, 2014). Assim, é possível apreender as construções de diferença nos deslocamentos humanos, que se refletem em posicionamentos desiguais entre os sujeitos. A diferença, pois, abrange a experiência, as relações sociais, as formas de subjetividade e as arquiteturas identitárias, sempre em uma vertente dialógica (Hirata, 2014).

Romina explicita claramente como essas interseções se processam: “Lamentavelmente é muito difícil para nós. Primeiramente porque somos estrangeiras. Segundo, porque somos transexuais. E terceiro, porque a maioria de nós exerce a prostituição. Então, é muito difícil uma transexual ser aceita”. Trata-se de um estado ontológico que, em menor ou maior grau, está arraigado às experiências de todo/a migrante LGBTIQ+, pois seu status social justapõe a priori vulnerabilidades advindas tanto da fobia a sujeitos LGBTIQ+ quanto da situação imigrante, sem contar outras formas de discriminação que podem recair sobre eles/as: de classe, idade, misoginia, racismo, etc. É o que se vê no caso de Mia: sua situação de travesti, imigrante não regularizada e prostituta é ainda mais precarizada pelo fato de ela ser negra. Como relatei na ocasião da *Marche des Fiertés de Paris*, é inegável como esse também se torna um elemento que a exotiza e reifica sua existência.

Já as condições de trabalho que enfrentam cotidianamente denunciam a forma pela qual tais precariedades podem se concretizar. Issy oferece um panorama da realidade que encontram no Bois de Boulogne, um dos principais pontos de prostituição em Paris:

Quando cheguei a esse bosque [Bois de Boulogne], eu via fantasmas por toda parte. Eu tinha a impressão que me observavam todo o tempo. Eu via sempre algo que para mim era como os mortos que estavam ali escondidos. Eu ficava aterrorizada. Aqui eu trabalho com muitos travestis e putas como eu. (...) Esse pedaço de madeira é para me defender contra os homens. Muitas vezes, enquanto estamos transando, eles sacam alguma arma do bolso e querem me bater ou fazer qualquer coisa. (...) Meu irmão me disse para ter muito cuidado, porque a maioria dos homens estão contaminados. Eles tentam tirar a camisinha ou a furam. (...) Aqui, tudo se pode esperar.

Romina, de outra parte, parece antever um destino comum à vida precária de tantos sujeitos LGBTIQ+: “Cada um de nós ou cada uma de nós tem um final muito

triste. Geralmente, uma transexual morre de câncer, ou de AIDS, ou um problema com a cirurgia plástica, ou em seu trabalho por alguma agressão, ou, pelo melhor, passará os anos de sua vida sozinha, sem dinheiro, envelhecida e sem ter encontrado o amor”. Multiforme, cambiante e volátil, a economia dessas vidas transnacionais assinala, portanto, a premência de (re)pensar os constantes embates que imigrantes LGBTIQ+ tem de realizar para que sua vida social seja validada e passe realmente a importar.

Logo, as mobilidades queer colocam em xeque uma configuração de sociedade, em nível global, que reiteradamente aloca sujeitos LGBTIQ+ em uma posição menos-que-humana, enquanto cidadãos/ãs de segunda ou terceira classe. Como Retis (2012) sugere, imigrantes, sobretudo não regularizados/as, são considerados/as cidadãos/ãs apenas enquanto consumidores, pois sua cidadania cultural (direito a falar e conhecer), política (direito a residir e votar) e econômica (direito a trabalhar e prosperar) é normalmente dificultada ou até negada – ainda mais para imigrantes LGBTIQ+.

Mesmo no berço da *liberté, égalité et fraternité*, o que as vivências de Mia e Romina desvelam é um *simulacro de cidadania*, que espelha uma realidade sociocultural muito mais vasta e profunda, na qual sujeitos LGBTIQ+ estão impelidos a uma vida censurada, limitada, precarizada. E se a migração pode servir para amenizar tal condição, também tem o potencial de agravá-la.

As lágrimas... Últimas considerações

Ao mesmo tempo em que presenciamos uma interconexão multitemporal e multiespacial proeminente em um “sistema-mundo” globalizado, também nos vemos diante de uma crescente inconformidade com modelos identitários clássicos (Elhajji, 2006). Em um contexto de crises, rupturas e reordenamentos, a diferença se enraíza cada vez mais em nossa experiência. Neste processo, a midiaticização produz importantes consequências sobre como, em nosso cotidiano, o mundo nos é apresentado e como nos relacionamos com ele (Silverstone, 2010). Sendo assim, “(...) a aparição midiaticizada proporciona, por sua vez, um marco para definir e levar adiante nossa relação com o outro, em especial com o outro distante, o outro que somente se faz presente a nós por intermédio dos meios de comunicação” (Silverstone, 2010, p. 169, tradução minha).

Sobretudo por intermédio das TICs, as redes comunicacionais reconfiguram os modos de relação dos/

nos fluxos migratórios. Reside aí sua dupla relevância às diásporas queer: por um lado, permitem estabelecer enlances multiterritoriais (como vimos nos vínculos econômico-afetivos de Mia e Romina); por outro, possibilitam uma visibilidade e consequente representação pública a grupos sociais que são constantemente invisibilizados e silenciados (como imigrantes e sujeitos LGBTIQ+). Não fosse pela difusão massiva dessas comunicabilidades mediadas por TICs, por exemplo, eu dificilmente teria tido contato com a realidade experienciada por alguém tão distante de mim: não teria podido me aproximar de Mia nem de Romina.

Obviamente toda produção midiática engendra certos enquadramentos, dado que se processa no interior de circunscrições constituintes, que podem ser favoráveis ou desfavoráveis a uma política de visibilidade da diferença (Theodoro, 2016). Assim sendo, precisamos sempre manter um olhar crítico sobre elas. No caso de Mia e Romina, não há de se celebrar a visibilidade midiática de suas lágrimas, mas, ao contrário, apreendê-las em sua potencialidade de problematização social, enquanto representativas dos efeitos materiais de um poder hegemônico opressor aos sujeitos LGBTIQ+, *inclusive aqueles que migram*.

Referências

- BUTLER, J. 2011. Vida precária. *Contemporânea*, n. 1, p. 13-33.
- _____. 2008. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- COGO, D. 2014. *Comunicação, migrações e gênero*: famílias transnacionais, ativismo e TICs. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu (PR), 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1330-1.pdf>>. Acesso em: mai. 2018.
- COHEN, R. *Global diasporas - An introduction*. New York: Routledge, 2008.
- DE LAURETIS, T. 1994. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242.
- ELHAJJI, M. 2006. Comunicação intercultural: prática social, significado político e abordagem científica. *E-Compós*, v. 6, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/86/86>>. Acesso em: mai. 2018.
- GARCÍA CANCLINI, N. 2013. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP.
- _____. 2007. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras,
- HALL, S. 2013. Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra

- no exterior. In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 27-55.
- HIRATA, H. 2014. Gênero, classe e raça. Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n. 1, p. 61-73.
- JOHNSON, R. 1999. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica.
- MARTINE, G. jul./set. 2005. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em perspectiva*, v. 19, n. 3, p. 3-22.
- PRECIADO, P. 2008. *Testo junkie. Sexe, drogue et biopolitique*. França: Éditions Grasset & Fasquelle.
- SILVERSTONE, R. 2010. *La moral de los medios de comunicación*. Sobre el nacimiento de la polis de los medio. Buenos Aires: Amorroutu.
- _____. 2005. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Lyola.
- SCOTT, J. W. jul./dez. 1995. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, vol. 20, nº 2, p. 71-99.
- RETIS, J. 2012. *Inmigrantes territoriales / inmigrantes digitales: latinoamericanos en contextos diaspóricos*. Encuentro Lationamericano de Facultades de Comunicación Social, 2012. Disponível em: <<http://zip.net/bctJRV>>. Acesso em: mai. 2018.
- RICH, A. 2010. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, n. 5, p. 17-44.
- THEODORO, H. G. S. 2016. *Transgeneridade, mídia e consumo: um estudo de caso das visibilidades midiáticas de Laerte Coutinho*. 2016. 156 p. Dissertação - Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2016.
- WESLING, M. Why queer diaspora? *Feminist Review*, v. 90, issue 1, p. 30-47, 2008.